

A ARTE DA RETÓRICA E A AUDIÊNCIA GEOGRÁFICA: A RELAÇÃO TEXTO-LEITOR SOB A ÓTICA DAS FIGURAS REPRESENTATIVAS DE DISCURSO E DOS MODOS DE NARRATIVA

Ilton Jardim¹

Resumo

O objetivo deste estudo é refletir sobre o papel da retórica sobre a compreensão e assimilação do discurso geográfico. Para isso, optou-se pela análise da obra de Smith, intitulada “Geographical Rhetoric: Modes and Tropes of Appeal”, na qual trata das quatro figuras representativas de discurso e dos quatro modos de narrativa básicos da arte da retórica. Smith alerta para a necessidade dos geógrafos reconhecerem a existência de múltiplas audiências com preferências e preconceitos retóricos, e que não são idênticas às categorias institucionais e epistemológicas existentes, ou seja, para se convencer uma audiência, não basta falar a verdade, mas é preciso confirmar seus preconceitos e respeitar suas preferências. Essa constatação de um problema que perpassa os textos e a arte da retórica geográfica levou Smith a elaborar dois “mapas” sobre a relação do texto com o leitor. O primeiro deles contrasta os quatro modos de narrativa de um texto (romance, tragédia, comédia e ironia) com os quatro modos de narrativa preferidas do leitor. O segundo mapeamento faz a mesma comparação, mas com referência às figuras de discursos predominantes no texto, como a metáfora, a metonímia, a sinédoque e a ironia. Smith explica que a razão para se preocupar com a questão da retórica é que quando favorecemos ou excluímos o estilo de um autor, automaticamente aceitamos ou rejeitamos acriticamente seus argumentos. Assim, por meio de uma reflexão baseada em autores especializados, foi possível constatar a importância da arte da retórica nos discursos geográficos.

Palavras-chave: retórica, discurso, geografia, audiência, preferência, preconceito, persuasão, verdade, modos de narrativas, figuras representativas

¹Doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo. Prof. Dr. Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná/Brasil. Email: sinfoniaalpina@terra.com.br

Introdução

O objetivo deste estudo é refletir sobre o papel da retórica sobre a compreensão e assimilação do discurso geográfico. Para isso, optou-se pela análise da obra de Smith, intitulada “*Geographical Rhetoric: Modes and Tropes of Appeal*”, na qual trata das quatro figuras representativas de discurso e dos quatro modos de narrativa básicos da arte da retórica. Smith alerta para a necessidade dos geógrafos reconhecerem a existência de múltiplas audiências com preferências e preconceitos retóricos, e que não são idênticas às categorias institucionais e epistemológicas existentes, ou seja, para se convencer uma audiência, não basta falar a verdade, mas é preciso confirmar seus preconceitos e respeitar suas preferências.

Essa constatação de um problema que perpassa os textos e a arte da retórica geográfica levou Smith a elaborar dois “mapas” sobre a relação do texto com o leitor. O primeiro deles contrasta os quatro modos de narrativa de um texto (romance, tragédia, comédia e ironia) com os quatro modos de narrativa preferidas do leitor. O segundo mapeamento faz a mesma comparação, mas com referência às figuras de discursos predominantes no texto, como a metáfora, a metonímia, a sinédoque e a ironia. Smith explica que a razão para se preocupar com a questão da retórica é que quando favorecemos ou excluímos o estilo de um autor, automaticamente aceitamos ou rejeitamos acriticamente seus argumentos.

Essa análise de Smith pode ser utilizada como uma das ferramentas para se analisar a crítica de textos geográficos. Em tese de doutorado defendida na Universidade de São Paulo, Carvalho Jr. analisou os equívocos da crítica ao chamado “determinismo ambiental” e procurou mostrar sua fragilidade e imprecisão no que concernem dois pontos: impertinência semântica, referente a conceitos, palavras e preconceitos associados; e a questão da crítica ao rótulo, da simplificação, do recorte descontextualizado, e das motivações anticientíficas associadas.

Análise e discussão

Ao contrário da literatura e de algumas áreas das ciências humanas, como a sociologia, a linguística e a filosofia, há pouca consciência entre os geógrafos de que a escrita feita em seus campos de atuação é muitas vezes mal compreendida porque foi

escrita num estilo retórico que não é do conhecimento ou do gosto da platéia. Nesse sentido aponta Smith, para quem

There is, however, little agreement on how best to render this service, largely because there has been little thought about the nature of the audience, or about its role in shaping geographical discourse. Geographers must recognize the existence of multiple audiences, and understand that these audiences are not identical to existing institutional and epistemological categories. Audiences are constituted by rhetoric prejudices and preferences. To satisfy an audience, and earn its trust, the writer must confirm their prejudices and respect their preferences.”
(SMITH, 1996, p.1)

Essa constatação de um problema que perpassa os textos e a arte da retórica geográfica levou Smith a elaborar dois “mapas” sobre a relação do texto com o leitor. O primeiro deles contrasta os quatro modos de narrativa de um texto (romance, tragédia, comédia e ironia) com os quatro modos de narrativa preferidas do leitor. O segundo mapeamento faz a mesma comparação, mas com referência às figuras de discursos predominantes no texto, como a metáfora, a metonímia, a sinédoque e a ironia. Assim, é possível saber como o leitor afeito ao modo cômico interpreta o texto escrito em modo trágico, e vice versa. Da mesma forma, temos uma pista de como as lentes “românticas” de um leitor podem influenciar sua visão de um texto irônico. O quadro abaixo mostra o primeiro mapeamento de Smith, baseado no renomado crítico literário canadense Northrop Frye², cuja carreira internacional ganhou projeção logo nos primeiros anos de graduação:

² Sua obra mestra “Anatomia da crítica” é considerada um dos principais trabalhos da crítica literária no último século. Nesta obra defende que há certos arquétipos e símbolos usados por toda a literatura, incluindo a científica.

A Arte da retórica e a audiência geográfica: a relação texto-leitor sob a ótica das figuras representativas de discurso e dos modos de narrativa

Ilton Jardim

QUADRO 1³

	Mode of the Object (text)			
Mode Preference of the Subject (reader)	Romance (release)	Tragedy (Resignation)	Comedy (reconciliation)	Irony (removal)
Romance (release)	Reasonable because it holds out hope for transcendence over present limits, and it envisions new worlds	Conservative because it views historically contingent limits as natural, absolute, and eternal. [opinião do possibilista sobre o determinista]	Timid and unimaginative because it seeks to resolve conflicts through a restoration of harmony.	Cynical because it holds hope in contempt and it regards struggle as futile
Tragedy (Resignation)	Idealistic, utopian and unrealistic because it does not recognize the immutable limits to human action. [opinião do determinista sobre o possibilista]	Reasonable because it realizes that this is a dangerous world with real limits from which there is no escape.	Complaisant because it believes that all crimes (against humanity and nature) can be forgiven.	Whimsical and dangerously deluded because its dream of detachment ignores the fact that everyone is subject to the same rules.
Comedy (reconciliation)	Disruptive and reckless because it is iconoclastic and seeks to overturn (rather than restore) order	Pessimistic and gloomy because it fails to believe that everything will work out for the best in the end	Reasonable because it recognizes conflicts as transitory episodes from which all eventually benefit.	Alienated and embittered because it has needlessly dissociated itself from the conventions of the community.
Irony (removal)	Self-aggrandizing because it believes that effort and struggle is effectual and that accomplishments are meaningful	Pretentious because it makes claims to understand a reality that is in fact unintelligible	Naïve because its simple-minded dreams of integration and reconciliation ignore rather than remove the fact of alienation	Reasonable because it is simply commentary that does not claim to do or even understand anything

FONTE: FRYE ADAPTADO POR SMITH (1996)

O primeiro quadro mostra que o discurso dos deterministas, que em geral preferem o modo trágico, pode ser criticado a partir de três ângulos, e é reconhecido como pertinente apenas pelos autores que preferem o modo trágico. Assim, pelo romântico é visto como conservador, pelo cômico como pessimista, e pelo irônico como pretensioso. Sobre as críticas feitas pela literatura aos autores rotulados de deterministas, estas se encaixam predominantemente em alguma dessas visões, mas muitos críticos exibem essas três objeções ao mesmo tempo, enfocando-as igualmente. Esse quadro visa a dar ao leitor um referencial teórico para que ele mesmo possa tirar

³ As palavras em negrito são destaques meus.

A Arte da retórica e a audiência geográfica: a relação texto-leitor sob a ótica das figuras representativas de discurso e dos modos de narrativa

Ilton Jardim

suas conclusões quando se depara com as críticas feitas aos textos supostamente “deterministas”.

Smith não deixa de reconhecer que esse quadro é um esquema que simplifica tanto o leitor, pois o concebe apenas em termos do seu modo preferido, quanto o texto, que em geral é caracterizado por dois ou mais modos. A mesma observação vale para os tropos da tabela seguinte:

QUADRO 2

	Trope of the Object (text)			
Trope Preference of the Subject (reader)	Metaphor (comparison)	Metonymy (composition)	Synecdoche (context)	Irony (Contrast)
Metaphor (comparison)	Reasonable because it seeks to impart understanding	Pedantic because is obsessed with technical details and has forgotten that communication is the purpose of representation	Obscure and overreaching because it imagines abstracts systems and purports to discover significance	Perverse because it does not attempt to make sense of the world and seems to belittle the efforts of those who do.
Metonymy ⁴ (composition) [deterministas e possibilistas]	Superficial because it is merely descriptive; suitable only for students and amateurs.	Reasonable because it is the accurate, meticulous, cautions, and thorough fruit of painstaking work.	Questionable because it is unsubstantiated, unverified, premature, speculative, or subjective. [opinião dos críticos sobre os deterministas]	Dismissible because it is the work of scoffers who don't understand the difference between science and ideology.
Synecdoche (context) [deterministas e possibilistas]	Trivial because metaphor establishes a relation between objects rather than between an object and its context.	Reductionist because it fails to appreciate holism and the need to situate itself in the big picture.	Reasonable because it contextualizes, interprets, and seeks to make a larger point	Regrettable because it is the work of spoilers who are interested in destructive criticism rather than creation
Irony (Contrast) [críticos do determinismo]	Deceptive because metaphors create as illusion of understanding	Deceitful because what purport to be maps of reality are in fact maps of power relations within society.	Preposterous because it claims to find pattern and meaning in a chaotic and unintelligible world. [opinião dos críticos ao determinismo]	Reasonable because it is not deceived by its own representations and it makes no attempt to beguile.

FONTE: FRYE ADAPTADO POR SMITH (1996)

⁴O rigor, a meticulosidade, o trabalho incansável, o extremo cuidado com a pesquisa e com a análise fazem da metonímia uma figura de linguagem marcadamente presente em autores “rotulados” de deterministas, como Ratzel, Huntington e Semple. Note-se a aparente incoerência verificada entre deterministas e possibilistas que compartilham dos mesmos tropos de preferência, a metonímia e a sinédoque.

A idéia principal do autor é a de que a preferência molda a avaliação que o leitor faz dos modos de narrativa que não são os seus favoritos. Assim, tende a achar razoável e bem escrito apenas o texto que se enquadra no seu modo de preferência. Esses dois quadros representam um “tirar os véus e lentes unifocais” para aqueles que ingenuamente constroem uma crítica de um texto baseados em suas próprias preferências (leia-se: preconceito).

Como seres humanos contraditórios, dialéticos, mutantes, inconstantes e de grande capacidade de autocrítica e auto-avaliação (em tese), não necessariamente temos que ser reféns de apenas uma preferência. Somos capazes de ver pela lente do diferente, de assumir ângulos inusitados e de reconhecer o mérito que cada modo de narrativa e figura de linguagem possui segundo o propósito que se busca. Não é preciso argumentar excessivamente para defender que, qualquer texto escrito de maneira uni estilística, corre, na maior parte dos casos, o enorme risco de se alienar nas tramas da visão particular.

Ao mesmo tempo, temos características psicológicas, culturais e lingüísticas que nos definem em grande medida, e por essa razão não é tarefa simples fugir de nosso próprio “leitmotiv”. Partindo-se do pressuposto de que há no indivíduo uma essência que o define, e que um longo e dramático processo dá forma a esse “eu”, constitui-se em tarefa penosa, arriscada e desconfortável fazer variações em torno do tema “eu”. Somada a essa prisão no eu, temos o oposto disso, a inconstância e a instabilidade, e isso envolve a incerteza do conhecimento de que fala Morin. Uma característica não exclui a outra, pois não são contraditórias. Em alguns aspectos da existência e da vida estamos presos às idiossincrasias, em outros, predomina a multiplicidade de pontos de vista, a suscetibilidade ao prisma alheio e aos diferentes discursos, e à incerteza. Essas oscilações e “múltiplas personalidades”⁵ nos permitem maior capacidade de análise, de contraponto, de autocrítica, ao mesmo tempo em que pode fragilizar, solapar certezas e revelar, a contragosto do sujeito cognoscente, a inutilidade, a insuficiência ou no mínimo, a impossibilidade de alcançar o conhecimento da maneira que se desejaria.

Sobre os textos geográficos, a retórica, e sua relação com a audiência, Smith explica que *“there is no shortage of commentary by geographers on the merits and deficiencies of their colleagues’s prose. Very nearly all of this can be classed as either*

⁵ Do ponto de vista acadêmico, maneira de conceber e produzir o conhecimento, filosofia de vida

commendation of the favored few or condemnation of the mediocre many. (...) Bret Wallace is, for instance, 'an enchanting fine writer' (C.Mather 1993:92); but repellent and inelegant prose is anonymously 'produced in the wasteland of contemporary academic life' (Connolly 1995:219). (SMITH, 1996, p.1) Smith explica que essas breves citações sugerem duas idéias relacionadas, que ele usa como ponto de partida para seu artigo:

First, they suggest the disappointing infrequency with which we, as individual geographers, encounter what we regard as excellent writing. This apparent paucity of eloquence is, however, to some extent an illusion that results from each of us reading a great deal of writing for which we are not the intended audience. It is not “addressed” to us, and writing appeals mostly, if not exclusively, to those to whom it is addressed (Burke 1969b:38). Because it is not addressed to us it appears replete with spurious reasoning, tedious banalities, barbarous jargon, wild surmises, ponderous obscurities, pedantic quibbles, and half a dozen additional varieties of misstep and nonsense. To be sure, some of this is authentic gobbledygook, but often it represents a rhetoric in which we find little that appeals to our prejudices and preferences. (id)

Ou seja, um texto que não é direcionado às nossas preferências e inclinações, está de certa forma sendo vítima de nossos pré-conceitos e opiniões do que vem a ser um texto agradável, compreensível e útil. O que não supre essa expectativa é prontamente taxado de jargão incorreto, banalidade tediosa, ninharias pedantes, obscuridades enfadonhas, raciocínio espúrio, conjecturas desenfreadas e irrefletidas, gorgolejo sem sentido. Sobre a segunda idéia, Smith afirma que

Second, these quotes suggest that the individual geographer is not invariably disappointed in his or her search for appealing prose. The road of scholarly endeavor, as Clark noted, is “not

without its inns of refreshment and chapels of ease”, and among these perhaps the most welcome to any geographer are those texts that seem to have been written with him or her in mind. The prejudices and preferences that make us members of a rhetorical audience are various, (...). Exhorting his fellow economists to become “more self-conscious about their rhetoric”, McCloskey promised that such a sensibility would help them to “better know why they agree or disagree.” This is no less true for geographers, who remain for the most part unconscious of their “rhetoric of inquiry”. (id)

Smith explica que a razão para se preocupar com a questão da retórica é que quando favorecemos ou excluímos o estilo de um autor, automaticamente aceitamos ou rejeitamos acriticamente seus argumentos. Assim, seu alerta aponta que *“whereas we are already highly self-conscious of the ways in which these criteria promote agreement or disagreement, we remain for the most part blind to the appeal and dis appeal of rhetorics. (id).* Sobre o papel da retórica afirma que *“It is through rhetoric that a writer wins our trust, and persuades us that he or she is reasonable, credible, and serious: a speaker of both consequence and pertinence. This is done with what McCloskey (1985b:121) calls an ‘ethical appeal’, by which the speaker represents him or herself as a type of ‘character (ethos)’ that will ‘encourage the audience to look kindly on the speaker.’ (ibid, p.2).*

Smith explica que usamos a retórica para assinalar e identificar nossa filiação intelectual. Contudo, esqueceu de apontar que independentemente do autor ser ou não consciente de sua retórica, nela é possível identificar suas preferências, suas afinidades, seus valores, seu background cultural e acadêmico, suas ideologias, seus preconceitos. Ou seja, não ter consciência do próprio estilo de escrita coloca o autor em situação desfavorável à defesa no caso de ser criticado. Smith afirma que nos EUA os geógrafos têm pensado mais profundamente sobre suas audiências (leitores) e sobre seus textos, pois reconhecem que *“the Standards of proof and the form and force of an ethical appeal will depend on the audiences addressed.” (id).*

Smith aponta também para a existência de três definições de escrita considerados como de excelência entre os escritores da Geografia. A excelência dos cientistas, dos estilistas e dos críticos. Os primeiros prezam pela clareza, precisão e referências não ambíguas à realidade estabelecida empiricamente. O interesse central é no que a palavra denota, ou seja, a palavra tem valor apenas enquanto símbolo expressando idéias ou instrumentos para conceitos. Em suas palavras plenas de metáforas “*Scientists see the writing of the mediocre many as a sort of swamp, a weedy tangle of indistinct shapes hazed over by a miasma of subjectivity. Campbell (1928:25), for instance, complained that geographic writing is ‘burdened with a mass of terminological rubbish’*”. Essa afirmação de que a escrita geográfica está entulhada com lixo terminológico⁶ é digna de pesquisa e renderia uma polêmica e produtiva linha de pesquisa. Para Smith, os adeptos da escrita científica gostariam de drenar o pântano de imprecisão e vaguidade dos estilistas.

O segundo grupo é dos estilistas, enamorados pelo conceito literário da língua, que valorizam uma escrita evocativa, rica, expressiva.⁷ Preferem palavras ou frases que carreguem conotação emocional e descrições evocativas que facilitam a compreensão. Para Smith “*Stylists see the writing of the mediocre many as a sort of desert, a parched and dusty wasteland that yields no sign of life.*” (id). Wright apud Smith, por exemplo, reconhece que o estilo da exposição científica deve ser clara, simples e concisa, mas que o poder de insuflar a imaginação também é um adjunto necessário. Ou seja, reconhece que essas duas vertentes retóricas podem e devem ser complementares. Para outros autores, como Sauer apud Smith a escrita geográfica é boa quando é uma arte finamente representativa, não circunscrita por nenhum padrão ou método. Clark apud Smith afirma que uma boa escrita é vívida, persuasiva e também acurada análise com estilo verbal. Segundo os estilistas, é preciso irrigar o deserto dos cientistas.

⁶ A Geografia e a Pedagogia, e até mesmo a Sociologia (para não falar na psicologia e na administração), são soberanas e magistrais na arte de produzir lixo terminológico. No caso da Geografia, isso se agrava pela vaguidade e polêmica conceitual da disciplina e pela inevitável interdisciplinaridade. Outro fator explicativo é a falta de vocabulário dos que escrevem, pois nesse vazio retórico e lingüístico, usa-se o que der na telha, com o sentido que bem se pretender. Campell, quando fala em lixo terminológico, parece estar se referindo ao estilo mais livre, barroquizado e subjetivo, ou crítico em demasia, contudo, esse não é o verdadeiro problema da escrita geográfica, problema este que envolve parco vocabulário, jargões inertes, frases-feitas, rótulos, “ismos”, e ainda pior: uso indevido, tendencioso e vago de termos, conceitos e teorias.

⁷ Esse é o caso de Semple, Ratzel, Huntington e inúmeros autores clássicos da Geografia, que pagaram caro pelo estilo mais literário.

O terceiro grupo é o que mais causou polêmica. Chamados de críticos ou desconstrutivistas, valorizam um estilo crítico propositadamente ambíguo, incompleto e inconclusivo. Simpatizam com a estratégia textual da desconstrução, na intenção de subverter a idéia corrente de que a palavra carrega nela impressa sentidos tomados como certos e óbvios. Smith afirma que “*They claim that we ‘lack ideas and languages to describe and explain the human experience of nature, space and time’ (Buttimer 1976:288) that what we do have are conventionalized constructs of ‘sociohistoric processes’ (Duncan and Duncan 1988:118) and that, most certainly, ‘explorations into the taken-for-granted must continue (Olsson 1994:215) if we wish to ‘expose the falseness of our unquestioning acceptance of these constructs’ Kackson and Penrose 1993:3).*” Segundo Smith, os críticos desconstrutivistas adorariam demolir a penitenciária de cientistas e estilistas.

Sobre os modos de narrativa, Smith explicou cada um deles relacionando-os à Geografia. Apesar do esquema dos quatro modos de narrativa ser de Frye, cabe a Smith o mérito de trazê-lo para o debate do discurso geográfico. Frye apud Smith concebe os modos de narrativa como formas de se contar uma história, e principalmente de terminá-la, além de serem também caminhos à compreensão, dando forma e sentido à nossa experiência da realidade. Para Smith nenhum indivíduo está limitado a um modo apenas, e ao longo do dia poderia empregá-los todos. Contudo, cada indivíduo possui suas preferências e juntamente com outros indivíduos de mesma preferência formam uma audiência unificada por um nível de consciência pré-teórico e especificamente lingüístico.

Sobre os modos de narrativa, é preciso esclarecer o que vem a ser o modo trágico, relacionado pelo autor aos deterministas, e o modo romântico, relacionado aos possibilistas. Smith afirma que o modo trágico é um modo de resignação ou até mesmo de aniquilação pelas inflexíveis e inescapáveis realidades do mundo. Os protótipos desse modo são os dramas da renascença, nos quais o herói, mesmo que superior aos demais homens, em ambição e habilidades, está do mesmo modo subordinado às leis da natureza e da sociedade. Disso resulta, ainda que não observado por Smith, que os geógrafos que acreditam nas forças culturais sobre o homem e desprezam as influências da natureza também possuem um discurso situado, ao menos em parte, no modo trágico. Assim, cientistas sociais que enfatizam o meio social como opressor e controlador, não

necessariamente situam-se exclusivamente no domínio do modo romântico oposto aos “deterministas”. Sobre a existência desse modo trágico no discurso “possibilista” minhas leituras apontam para uma relação significativa, mas essa relação não será alvo de estudo.

As tragédias modernas contam histórias de homens e mulheres que são esmagados por uma sociedade indiferente ou uma natureza insensível a despeito de seus méritos pessoais. Apesar de a tragédia terminar invariavelmente com desgraça, Smith alerta para não se equacionar tragédia com final infeliz, pois o que realmente define a tragédia, segundo Frye, pode ser definido como “*The resolution of a tragic story is an ‘epiphany of law of that which is and must be’*”(FRYE, apud SMITH, 1996, p.7). Smith resume a filosofia de vida do autor trágico e a essência do modo trágico como “*The key to tragedy is its affirmation that all human, great or humble, deserving or undeserving, are subject to the laws of nature and society, and that the purpose of experience is to gain knowledge of these laws. This is why autobiographies narrated in this mode become the stories of individual passages through the so-called School of Hard Knocks.*”(id)

Narrativas de necessidade tomam várias formas na Geografia, e um elemento trágico está presente em todos os sistemas determinísticos datando dos epicuristas até os dias atuais. (GLACKEN, 1967). Para Smith, W.M Davies, ao propor como objeto de estudo da Geografia os controles inorgânicos e as respostas orgânicas está efetivamente escrevendo no modo trágico. Semple também é considerada uma autora “trágica”, e sobre ela afirma que “*Semple writes in the tragic mode when she described the ‘the enervating effect’ of tropical ‘heat, moisture, and abundance’ that invariably ‘star the energetic European down the same easy descent to Avernus’.* More interesting, and perhaps more common because of the flaws in an argument such as Semple’s, is that I call day-of-reckoning tragedy, [tragédia do dia de ajuste de contas] which holds that fools may frolic but punishment will follow.”(FRYE apud SMITH, 1996) Essa idéia de que podemos ir contra a natureza num momento, gerando falsa sensação de liberdade e poder, mas que depois ela envia as contas a pagar, é das mais polêmicas na Geografia e foi uma discussão recorrente entre deterministas e possibilistas e atualmente é um argumento muito utilizado pelos ambientalistas/ecologistas em favor da preservação da natureza. Sobre isso, Smith explica que “*This is the mode [tragic] of the stop-and-go*

determinism of Griffith Taylor, who described the possibilist as 'the short-range geographer,' and contended that 'the environmentalist takes the longer view' because he or she understands that 'nature needs centuries for her influences to work properly'”(id). Até mesmo Sauer é visto por Smith como um autor que “desenvolveu lindamente o modo trágico”. (id)

Passando para o modo romântico, Smith o caracteriza como libertação e transcendência de circunstâncias desconfortáveis e infames. Os protótipos desse modo são as histórias medievais de cavaleiros e santos que vencem e destroem seus inimigos e posteriormente são reconhecidos como heróis. Os romances atuais seguem a mesma lógica, mas seus protagonistas são homens e mulheres jovens que pela excelência pessoal, triunfa esmagadoramente sobre as circunstâncias inauspiciosas da pobreza e dos obstáculos sociais e econômicos. Romance não deve ser confundido com histórias de amor, conforme avisa Smith. Assim, o que define o modo romântico é *“Release and recognition often accomplished with the aid of ‘miraculous violations’ of the laws of nature and society, are the Keys”* (Frye apud Smith, 1996, p.6)

O modo romântico é comum nas biografias de geógrafos e na história da Geografia. Geógrafos cuja auto-imagem é realizada nesse modo se enxergam como heróis não reconhecidos, presos a uma batalha contra as forças da ignorância e da escuridão que desejam solapar gloriosamente. Nesse modo a própria Geografia é vista como um herói subestimado, pois todos os problemas do mundo estão enrolados em um pacote endereçado ao “herói geógrafo”. Smith afirma que *“For them, the world’s problems are ‘wrapped up in a package addressed to geographers’, and ‘opportunity is knocking’ if we will only answer the door.”* (PLATT 1946:13; THORNTHWAITE apud SMITH 1996, P.7). Smith cita uma obra geográfica cujo estudo é explicitamente realizado no modo romântico, e conclui, com base nessa obra e em todas as outras que seguem esse modo, que se trata do mais moral dos quatro modos, o que explica seu poderoso apelo àqueles que vêem o ser humano em sociedade pelo prisma da luta entre duas ideologias opostas e provavelmente irreconciliáveis, uma implicitamente boa, e a outra decididamente má. O que ele chama de “Geografia automatizada” (Geografia tecnológica, SIG etc) também favorece o emprego do modo romântico, ao menos nos artigos e obras mais reflexivos. Smith explica que a Geografia automatizada é *“the realization of a dream that has bewitched geographers for millenia”*. (DOBSON

1993:435; ABLER 1993:138 APUD SMITH 1966). O que define tanto a história da Geografia e dos geógrafos como a Geografia tecnológica é o modo romântico, que no primeiro caso evidencia-se pela esperança na revolução social, e no segundo caso, na revolução tecnológica. Curiosamente sem associar o modo romântico com o possibilismo, o que é um lapso inexplicável⁸, Smith finda sua análise dizendo que “*The appeal of texts written in the romantic mode is, at heart, this promise, their assurance that we live in a world of radical possibility. (ibid, p.7).*”

Finalizando a questão da retórica, o texto abaixo traz valiosas informações sobre a necessidade e a importância de se pensar o discurso pelo viés da retórica:

For some time now, it is not only "rhetoric" which has fallen into ill-repute but the very notion of persuasion itself. Persuasion is something done to us: we see ourselves as malleable beings shaped, massaged and molded by the force of words. We identify persuasion with the machinations of political demagoguery or the manipulations of the advertising world. We link it with the coyness and cajolery of love games or the sentimentality which urges us to displays of patriotism. And, behind all of this, I think we have come to understand persuasion as the force which mobilizes all of our surface feelings-those fickle, temporary, un-stable emotions waiting to be channeled in support of goals, projects, policies with which we have no genuine connection nor real understanding. We implicitly see ourselves and others as an army of dormant energies and persuasion as the force which puts them to use-to fight a battle here and a battle there; to plug up the hole in one dike, and then an-other, and then another. In short, then, we see persuasion as glittering ornament which moves us through its attractiveness; as pretty frosting which tempts us to devour the whole cake; as the promise of delectable reward which leads us

⁸ Trata-se de um lapso tendencioso, pois o modo trágico é prontamente associado, com uma retórica irônica, ao determinismo, citando diversos autores, ao passo que o modo romântico dos possibilistas não é analisado por essa ótica.

into a maze designed and controlled by some-one other than ourselves. And, in light of all this, it is Kenneth Burke's triumph to have restored not only the good name of rhetoric but the significance of persuasion in human life. I will be referring, in this paper, to Ken While Burke might admit to our being malleable, he also forces us to see ourselves as rational beings who not only create value in a world where none exists naturally but as beings who must set the stage for the enactment of those values. Consequently, he describes "persuasion" as the intelligent and moral use of words to focus our attention on values and to convince others of their superiority and necessity. Persuasion is therefore not something "done to us," as though we were Skinnerian rats, but the method we use to draw others closer to us. (TURNER, 1973, p.23)

In his critical writing Kenneth Burke approaches texts as "strategies for dealing with situations." In terms of his dramatisitic pentad, each text may be seen as an act or strategy which responds to a given scene or situation (GM, p. xv).

A abordagem de Burke assume que a estrutura do texto pode ser descrita mais acuradamente quando pensamos na sua função. Assim, o texto é elaborado para “fazer algo” ao leitor e ao escritor, ou seja, com intenções bem definidas, e objetivos a serem alcançados. Disso resulta que nós podemos fazer as observações mais relevantes sobre sua forma e estrutura quando o consideramos como a materialização dessa intenção, do ato de persuadir. (PLF, p. 89). (JAY, 1989, p. 536)⁹

⁹ Segundo Jay, “*Kenneth Burke has been one of America's most prescient modern literary critics in the sense that his stubborn eccentricity as a cross-disciplinary, highly theoretical, language-oriented literary and cultural critic has made him attractive in the 1980s for some of the reasons he was dismissed in the '30s, '40s, and '50s.*”

Considerações Finais

Como idéia final, resta considerar que os geógrafos, enquanto cientistas e educadores, precisam estar cientes de toda essa problematização da linguagem levantada por Smith, pois é bastante fácil, principalmente em tempos de excesso de informação e grande disseminação de textos de baixa qualidade, se tornar refém de paradigmocentrismos, de lamaçais semânticos, e da crítica tendenciosa, de modo que a proposta semântica de Smith vem ao encontro da necessidade de superar análises rasas, modismos e preconceitos no discurso científico. Ademais, tal proposta constitui-se numa importante ferramenta para se pensar na qualidade de nossa retórica. Ou seja, aprimora nossa capacidade de fazer críticas a textos geográficos ao mesmo tempo em que é extremamente útil para analisarmos nossos próprios textos e discursos.

Bibliografia

CARVALHO JUNIOR, I. J. Dos mitos acerca do determinismo climático/ambiental na história do pensamento geográfico e dos equívocos de sua crítica: reflexões metodológicas, teórico-epistemológicas, semântico-conceituais e filosóficas como prolegômenos ao estudo da relação sociedade-natureza pelo prisma da idéia das influências ambientais. 2011. 677 f. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

JAY, P. Kenneth Burke and the Motives of Rhetoric. *American Literary History*, Vol. 1, No. 3 (Autumn, 1989), pp. 535-553.

SMITH, J.M. Geographical Rhetoric: Modes and Tropes of Appeal. In: *Annals of the association of American Geographers*, 86(1), 1996, pp.1-20. Cambridge: Blackwell Publishers, 1996.

TURNER, L.M. On First Reading Burke's "A Rhetoric of Motives". *College Composition and Communication*, Vol. 24, No. 1 (Feb., 1973), pp. 22-30.